

NDICE

	Págs.
A CULTURA TROVADORESCA	5-26
X O condicionalismo social	6-10
X A importância da mulher	10-12
X O amor e o casamento	12-15
X O fingimento do amor	15-16
X Tendências heterodoxas	16-19
X Tradição clássica: a erótica latina e o amor platónico	19-22
X Tradição medieval: o culto de Maria e o feudalismo	22-26
II. O PROBLEMA DAS ORIGENS LÍRICAS	29-87
1. TESE ARÁBICA	30-50
Fauriel e Schack	32-35
Burdach e Ribera	35-40
Erckmann e Nykl.	40-45
A tese e o caso português	45-50
2. TESE FOLCLÓRICA	50-61
Gastão Paris e as festas de Maio	51-53
O conceito de «poesia popular»	53-55
A oposição: Bédier e Scheludko	55-59
As debilidades da tese negativista	60-61
3. TESE DOS MÉDIO-LATINISTAS	61-73
G. Meyer e a rítmica latino-medieval	63-65
Wechsler e o problema da cultura	65-66
Brinkmann: o lirismo clerical de Angers	66-71
Scheludko e a retórica dos trovadores	71-73
4. TESE LITÚRGICA	74-87
A explicação de «trobar»	76-78
Temas de proveniência litúrgica	78-80
O aspecto métrico e musical	80-87

	Págs.
III. O LIRISMO GALEGO-PORTUGUÊS	95-116
X Caracteres do nosso lirismo	96-101
A cantiga de romaria	102-104
O paralelismo	104-108
A influência francesa	108-116
IV. OS GÊNEROS	119-185
1. A CANTIGA D'AMOR	119-137
A estética da cantiga d'amor	120-128
A teoria do amor cortês	128-137
2. A CANTIGA D'AMIGO	137-160
Os tipos da cantiga d'amigo	140-145
Estados sentimentais da amiga	145-151
A mãe	151-156
A confidente	156-160
3. A CANTIGA D'ESCARNHO E DE MAL-DIZER	160-185
O serventês provençal e a graça portuguesa	161-166
A entrega dos castelos ao Conde de Bolonha	166-170
A cruzada da Balteira	171-173
O escândalo das amas e tecedeiras	173-176
As impertinências do jogral Lourenço	176-180
A traição dos cavaleiros na guerra de Granada	180-182
A decadência dos infanções	183-185
V. A MÉTRICA E A LÍNGUA	187-201
O antigo tratado métrico	188-191
Os metros	191-195
O material linguístico	195-197
A língua dos trovadores	197-201
VI. A MATÉRIA DE BRETANHA	203-247
As origens do ciclo arturiano	203-205
As lendas na Península Hispânica	205-210
A «Demanda do Santo Graal».	210-216
Prioridade do texto português.	216-219
O romance e o seu simbolismo	219-233
Influência social e literária	233-238
O «Amadis de Gaula»	238-247
VII. CRONICÕES E NOBILIÁRIOS	251-274
Crônicas breves de Santa Cruz	252-257
Os Nobiliários.	257-258

	Págs.
Os objectivos sociais	258-262
O Nobiliário do Conde D. Pedro	262-264
Valor literário e social da obra	264-274
VIII. OS ÚLTIMOS TROVADORES	277-297
Decadência da escola trovadoresca	277-283
Caracteres da escola.	283-286
Os poetas do período	286-297
+ IX. D. DUARTE E A PROSA DIDÁCTICA	299-327
O gosto dos desportos	300-304
O «Livro de ensinança de bem cavalgar»	304-308
O «Leal Conselheiro»	308-309
O estilo de D. Duarte	309-312
A doutrina	312-322
Oliveira Martins e D. Duarte	323-326
D. Pedro e a «Virtuosa Bemfeitoria»	326-327
X. FERNÃO LOPES E OS CRONISTAS	331-383
A vida e a obra	332-340
O historiador	340-351
O artista da prosa	351-358
Os tipos.	359-366
As multidões	366-372
Os sucessores de Fernão Lopes	372-383
XI. O CANCIONEIRO DE RESENDE	389-417
Aspectos gerais do Cancioneiro	388-395
A tradição lírica galego-portuguesa	395-402
A corrente satírica	402-406
Dantismo e petrarquismo	406-411
O espírito clássico	411-415